

O olhar subjetivo do telejornal: o *Jornal Nacional* e a representação das crianças no conflito Israel-Hamas¹

Lara Cavalheri SOARES²

Lara Rezek Alves de SOUZA³

Ana Lua Bacelar de SOUZA⁴

Susana Azevedo REIS⁵

Christina Ferraz MUSSE⁶

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

Este trabalho objetiva verificar como as crianças envolvidas na guerra Israel-Hamas foram representadas nas reportagens veiculadas pelo telejornal *Jornal Nacional*, da TV Globo. As matérias serão analisadas através de quatro categorias: “contexto”, “metáfora”, “vozes” e “edição”, com base em Musse *et al.* (2022). A revisão teórica inclui discussões que refletem o conceito de subjetividade no jornalismo (Sacramento e Goulart, 2009; Moraes, 2022) e sobre a representação da infância no telejornalismo (Marôpo, 2015; Musse *et al.*, 2022). Acreditamos que essas reportagens apresentam um formato cada vez mais emergente no telejornalismo, que privilegia a subjetividade, através da veiculação de conteúdos sensíveis, muitas vezes oferecendo destaque às crianças.

PALAVRAS-CHAVE: telejornalismo; subjetividade; crianças; conflito; *Jornal Nacional*.

A COBERTURA SENSÍVEL DE CONFLITOS NO TELEJORNALISMO

Este trabalho se propõe a compreender como o telejornalismo brasileiro está construindo narrativas que apresentam crianças em situações de conflito. Assim, a análise se faz através das representações textuais e imagéticas de crianças a partir do

¹ Trabalho apresentado no IJ04 – Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da Facom-UFJF, bolsista BIC/UFJF, email: lara.cavalheri@estudante.ufjf.br

³ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da Facom-UFJF, bolsista voluntária, email: lara.rezek@estudante.ufjf.br

⁴ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da Facom-UFJF, bolsista voluntária, email: ana.bacelar@estudante.ufjf.br

⁵ Orientadora do trabalho. Doutoranda em comunicação no PPGCOM-UFJF, bolsista CAPES, email: susanareis.academico@gmail.com

⁶ Orientadora do trabalho. Doutora em comunicação, professora do PPGCOM-UFJF, email: cferrazmusse@gmail.com

conflito entre o grupo Hamas e o Estado de Israel, no *Jornal Nacional* (JN). A guerra, iniciada no dia sete de outubro de 2023, foi uma ofensiva do grupo terrorista, que matou mais de 1200 pessoas. A resposta dos israelenses foi a invasão da Faixa de Gaza, ocupada pelo povo palestino (Thomas, 2023).

O conflito árabe-israelense é um dos mais complexos da região do Oriente Médio, e, dada a extensa cobertura midiática voltada ao assunto, é também um dos conflitos mais debatidos internacionalmente em diversas esferas. As questões e os motivos que levaram ao conflito envolvem assuntos como religião, etnia e territorialismo. A região em questão já foi dominada por diversos povos ao longo da história e durante décadas tem sido disputada por palestinos e israelenses (O Globo, 2023).

Entendemos que o formato telejornalístico está se transformando, privilegiando modelos que priorizam a subjetividade, através da veiculação de conteúdos sensíveis. Assim, iremos refletir sobre o tema utilizando conceitos de Fabiana Moraes (2022) e Ana Paula Goulart e Igor Sacramento (2020) para tratar da subjetividade no jornalismo. Além deles, nos aprofundamos nas ideias de Cláudia Thomé e Marco Aurelio Reis (2022) para entender como as ferramentas audiovisuais são articuladas na edição do telejornal escolhido.

Também observamos de que forma são utilizadas as imagens de crianças nas reportagens telejornalísticas contemporâneas, recorrendo às “Diretrizes para reportagens éticas sobre a infância” (Unicef, s.d) e aos estudos de Lidia Marôpo (2015), Christina Musse *et al* (2022), entre outros. Por fim, as reportagens serão analisadas através de quatro categorias: “contexto”, “metáfora”, “vozes” e “edição” (Musse *et al*, 2022).

A SUBJETIVIDADE DENTRO DO TELEJORNALISMO

Antes de nos aprofundarmos de fato na análise dos elementos narrativos utilizados pelo *Jornal Nacional* na cobertura do conflito Israel-Hamas, é importante discutir os conceitos de objetividade jornalística e jornalismo de subjetividade. Para isso, iremos utilizar as teorias discutidas por Fabiana Moraes (2022) no livro *A Pauta é uma arma de combate*.

De acordo com a autora, a objetividade absoluta no jornalismo é um ideal inatingível, uma vez que a construção da notícia está permeada de preferências

editoriais ou políticas das emissoras, organizações de mídia ou até mesmo dos próprios jornalistas. A pesquisadora ainda enfatiza que a objetividade não deve ser confundida com neutralidade, visto que, por muitas vezes, o jornalismo classificado como objetivo pode encobrir os interesses e valores implícitos que influenciam na seleção e no tratamento das informações jornalísticas. Por isso, como contrapartida, propõe um jornalismo reflexivo, transparente e plural, que permita reconhecer as perspectivas moldam suas reportagens: o jornalismo de subjetividade (Moraes, 2022).

Para Moraes (2022), o jornalismo de subjetividade não deve ser visto como antagonista de um jornalismo de qualidade. Pelo contrário, exige que todo o processo de investigação e apuração seja feito, mas com outra perspectiva, que busque se diferenciar daquela já tão presente nos meios hegemônicos e tradicionais. Esse processo deve ocorrer desde o enquadramento das imagens até o tom da narração, da escolha dos entrevistados até a edição final do produto jornalístico.

Os principais elementos utilizados pela autora para articular o jornalismo de subjetividade são a reflexividade contínua sobre ensino e prática, a crítica aos valores-notícia, a capacidade criativa/criadora, a dimensão ativista e sensibilidade hacker e a interseccionalidade (Moraes, 2022). Cada um desses marcadores tem como objetivo a reconstrução do olhar jornalístico, que deve refletir sobre a forma como suas próprias produções têm sido feitas, além de inserir cada vez mais pautas voltadas à inclusão e à diversidade. Dessa forma, entende-se que não é proveitoso se aprofundar em debates que definem a objetividade ou a subjetividade como boas em ruínas, mas sim entender que uma não está separada da outra:

Sem elas, não existe jornalismo. É um erro achar que se pode 'entrar' ou 'sair' da subjetividade, por exemplo. A questão é que a subjetividade - aquilo visto como evitável justamente por revelar o que a técnica quer esconder - está amalgamada na ordem discursiva de um jornalismo que continua a defender uma impossível pureza. A subjetividade está inserida nos critérios da objetividade (Moraes, 2022, p. 105).

É necessário entender que o um jornalismo subjetivo continua sendo objetivo. Ele se utiliza da ética e dos preceitos jornalísticos para produzir um material que está cada vez mais atento ao “humano”, em todos os momentos da reportagem, da escolha da pauta à sua veiculação.

Nesse sentido, Igor Sacramento e Ana Paula Goulart (2009) explicam que é a partir do final do século XX que observamos o “retorno do sujeito” no jornalismo, que seria uma resposta às tendências pós-modernas que desafiaram as noções tradicionais de identidade e subjetividade. Nesse período, marcado por uma valorização renovada da individualidade e das experiências pessoais, essa mudança representou um deslocamento do modelo tradicional de telejornalismo - que priorizava a objetividade, a imparcialidade e a neutralidade - para um estilo mais pessoal e emocional. Entre os pontos-chave dessa guinada está a humanização das notícias, estratégia que busca criar uma conexão emocional com o público.

Essa guinada subjetiva contribui para a construção de uma “esfera pública íntima”, que, segundo Berlant (1997, apud Sacramento; Goulart, 2009) reflete, na cultura contemporânea, a interseção do público e privado. Nesse contexto, o sensacionalismo e o espetáculo do sofrimento são valorizados.

Desse modo, as histórias de sofrimento pessoal apresentadas, como as feitas pelo *Jornal Nacional* ao cobrir o conflito, levam o público a se conectar emocionalmente com a narrativa que é construída pelo programa. É importante ressaltar que essa conexão emocional é também uma demanda de um público que busca mais autenticidade nas notícias, além de ser uma adaptação às novas dinâmicas do consumo de informação, especialmente com a ascensão das mídias digitais e sociais (Sacramento; Goulart, 2009).

Dessa forma, em nosso entendimento, a narrativa dramática construída pelo *Jornal Nacional* na cobertura da guerra entre Hamas e Israel pode ser entendida como uma estratégia de comunicação que visa envolver o público, utilizando elementos narrativos e visuais para criar uma experiência direcionada às emoções humanas. Essa abordagem se alinha com a “guinada subjetiva” no telejornalismo contemporâneo, que valoriza a subjetividade, a emoção e o testemunho como formas de estabelecer uma maior conexão e engajamento com a audiência.

A análise da cobertura do conflito Israel-Hamas pelo *Jornal Nacional* exemplifica a aplicação do conceito de “emoção editorializada” no telejornalismo, desenvolvida por Cláudia Thomé e Marco Reis (2022), que consiste no uso estratégico de elementos visuais e sonoros, juntamente com uma contextualização verbal e não-verbal: “Uma lágrima, uma voz embargada com pigarro, um silêncio ou a

construção de um texto poético por imagens” (Thomé, Reis, 2022, p. 9). A união de tais elementos cria uma narrativa que busca equilibrar a informação factual com a sensibilidade emocional, proporcionando uma experiência imersiva para os telespectadores.

Esta estratégia audiovisual foi elaborada pelos autores referenciados a partir da análise de reportagens sobre o COVID-19. O que se observou foi que, em determinados momentos da edição, é permitido que a parte mais humana apareça e, muitas vezes, como protagonista, em meio aos fatos objetivos. Da mesma maneira, observamos tal fenômeno nas edições analisadas neste artigo, em que o jornal cria uma ambientação para expor os horrores da guerra: “Tal dor vem no testemunho pessoal de forma permitida, em uma emoção consentida [...] Mas houve também uma emoção editorializada, prevista no roteiro, entre a dor individual e a tragédia coletiva, articulando o testemunho e o noticiário” (Thomé, Reis; 2022, p. 6).

Deste modo, a relação entre o telejornal e o público se manifesta dentro do conceito de “emoção editorializada” à medida que permite que os repórteres expressem suas emoções, compartilhem testemunhos e construam narrativas mais humanizadas. Por meio desta estratégia, o telejornal busca criar uma conexão emocional mais profunda com a audiência, despertando reflexões diante dos acontecimentos noticiados.

AS CRIANÇAS NO TELEJORNALISMO

Como comentamos, no jornalismo tradicional, imparcialidade e objetividade são características esperadas para que as notícias atendam aos critérios de credibilidade. Como explica Lídia Marôpo (2015), os jornalistas buscam essas características por meio de fontes consideradas credíveis, como as institucionais ou com valores reconhecidos socialmente. Conseqüentemente, acabam favorecendo determinadas fontes em detrimento de outras. A partir disso, muitos grupos sociais são deixados de lado pelo sistema de produção notícias, como é o caso das crianças, que podem ser definidas como:

[...] uma categoria social subalternizada em nome de uma perspectiva adultocêntrica do desenvolvimento humano (Rosemberg apud Freitas, 2004, p. 38). As crianças não possuem capital cultural, ou seja,

legitimidade, autoridade e respeitabilidade no campo institucional. Consequentemente, a defesa das suas perspectivas no debate público é quase sempre mediada por adultos (Marôpo, 2015, p.7).

No entanto, o jornalismo de subjetividade desafia as premissas do jornalismo tradicional ao reconhecer e incorporar as perspectivas e experiências dos grupos marginalizados, como o caso das crianças. Diferente da abordagem objetivista, o jornalismo subjetivo, como vimos nos conceitos de subjetividade de Fabiana Moraes (2022), valoriza a narrativa pessoal e a contextualização das histórias, promovendo uma compreensão mais holística dos fatos, buscando representatividade e dando espaço às narrativas que muitas vezes são ignoradas pela mídia tradicional. A inclusão de grupos sociais, como o das crianças, como fontes de informação não apenas enriquece o debate público, mas também desafia as estruturas de poder estabelecidas, proporcionando uma plataforma para que as experiências e perspectivas das crianças ganhem visibilidade e reconhecimento na esfera pública enquanto atores sociais (Marôpo, 2015).

Acreditamos que, quando se trata das crianças em situações de conflito e guerra, é possível perceber que estas passam a ganhar destaque nas narrativas das reportagens. Os telejornais buscam valorizar menos os conteúdos de batalhas e questões diplomáticas, e cedem lugar às vítimas, à fragilidade das pessoas e aos desafios que elas enfrentam, como a perda de um ou mais familiares, ou, então, a divisão cada vez mais clara nas imagens de um “fim do cotidiano” ou “fim da infância”.

De modo geral, segundo Christina Musse, Cláudia Thomé, Mariana Musse e Pedro Miranda (2022), as crianças não fazem parte do dia a dia das pautas dos telejornais feitos por adultos e para adultos, levando a uma limitação das representações da infância nas reportagens. Esta representação é mediada pelo jornalista, que é quem narra e reforça padrões e estereótipos sobre o universo infantil. Recentemente, os telejornais têm dedicado mais tempo a narrar histórias de pessoas comuns, em que o conteúdo tende a privilegiar temas sensíveis e, desta maneira, as crianças, usualmente mais frágeis e indefesas, têm se tornado objeto de várias reportagens..

Entretanto, as imagens de crianças nos telejornais ainda não são muito comuns, exceto em reportagens especiais que trazem a ideia do sujeito infantil como divertida e leve, como no Dia das Crianças, na Páscoa e no Dia das Mães. Há vezes em que a criança aparece como “menor infrator”, quando comete algum delito e, também, pode

aparecer como sujeito frágil e inocente, como em situações de abuso e maus-tratos. Nesses últimos dois casos as práticas dos jornalistas devem ser mais cuidadosas, para que a exposição da criança não crie mais violência (Marôpo, 2015; Musse et al, 2022).

Bem como as crianças têm ganhado mais espaço nas reportagens nos últimos tempos, percebe-se uma mudança ainda em processo no telejornalismo brasileiro, visto que, até pouco tempo, as crianças só apareciam nas reportagens sob narração do jornalista. Esse modelo ainda é constante, porém, recentemente, temos algumas exceções em que crianças são fontes de matérias jornalísticas (Musse et al, 2022).

No jornalismo, os profissionais são ensinados a respeitar suas fontes e ter cuidado com as informações obtidas com essas. A participação ativa de crianças como fonte de informação exige um cuidado ainda maior na produção das notícias e reportagens. Isso porque a exposição das crianças em matérias, às vezes, pode colocá-las em risco de represálias ou estigmatização, segundo as “Diretrizes para reportagens éticas sobre a infância”, produzida pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF, s.d). Nesse mesmo documento, são explicados princípios-chave para a produção de reportagens responsáveis sobre a infância, como ouvir as opiniões das crianças, protegê-las de potenciais danos, a garantia do direito de privacidade e o respeito em todas as circunstâncias daquela produção.

Simbolizando o lugar da inocência e da vulnerabilidade, em situações de conflito, as crianças surgem cada vez mais como símbolo de comoção do público-alvo dos telejornais. A partir do momento em que os adultos se deparam com imagens que representam a infância interrompida, a comoção dessa audiência desperta debates e movimentações importantes sobre os direitos da criança e a violação dos mesmos.

Segundo dados da Organização das Nações Unidas, ONU, em quatro meses de guerra, cerca de 12.300 crianças morreram em Gaza - número maior do que aquele de todas as guerras de 2019 a 2022 combinadas (ONU, 2024). Nas redes sociais, números como esses são enfatizados a todo momento, com o intuito de sensibilizar os usuários das redes. Por outro lado, na cobertura telejornalística, é possível observar uma assepsia maior, o que, como ressalta Moraes (2022), reforça a ideia do jornalismo como agente “isento”. Entretanto, já no momento de escolha de quais informações serão ditas, quais e como as imagens serão mostradas e na escolha das vozes escutadas, essa isenção sai de cena.

Observando a forma que as crianças têm ganhado espaço nos telejornais e relacionando essas mudanças e novos espaços com o jornalismo de subjetividade, analisaremos como esse grupo social foi representado no conflito Israel-Hamas em outubro de 2023. É relevante observarmos o contexto e a narrativa por trás das imagens escolhidas e exibidas pelo telejornal nas reportagens sobre o conflito e de que maneira as crianças são inseridas nessas construções noticiosas, se são ouvidas enquanto fontes ou se há a narração do repórter mediando as imagens.

ANÁLISE DO CONFLITO ISRAEL-HAMAS NO JN

Para a análise, selecionamos o *Jornal Nacional (JN)*, da TV Globo, devido ao seu destaque como o principal noticiário da emissora e sua histórica relevância para o jornalismo brasileiro. Como disse Karla Souza (2010), desde sua estreia, em 1969, o *JN* tem sido uma referência em termos de audiência e influência, desempenhando um papel central na mediação de eventos nacionais e internacionais para o público brasileiro. Além disso, o telejornal em questão foi responsável por diversas inovações no telejornalismo brasileiro.

A amostra para o estudo compreende 21 edições do *Jornal Nacional* exibidas no primeiro mês da cobertura do conflito, entre sete de outubro e 31 de outubro de 2023. Com essa análise, objetivamos, também, tecer mais um passo dessas inovações do *JN*, observando como o telejornal tem representado as crianças em situações de conflito, se elas são ouvidas, em que contexto, com qual constância aparecem e qual o objetivo e as possíveis narrativas por trás dessas construções noticiosas. O percurso metodológico utilizado é a “análise de temas sensíveis no telejornalismo” (Musse et al, 2022).

O primeiro passo de nossa análise foi assistir a todas as edições do *Jornal Nacional* do período especificado, selecionando as reportagens sobre a guerra Israel-Hamas e verificando as seguintes informações: o assunto discutido; o número e nome dos repórteres e correspondentes; quantas e quais imagens de crianças aparecem; as nacionalidade das crianças (israelenses, palestinas ou brasileiras); quantos e quais são os depoimentos das crianças; qual o tom do repórter ou correspondente; e quais fontes são utilizadas.

As informações foram adicionadas em um primeiro quadro de pré-análise. Em nosso segundo passo, a partir das informações que observamos, seguimos para a

elaboração do Quadro 1, que categoriza as informações das reportagens em quatro categorias: contexto, metáfora, vozes e edição.

A categoria “contexto” corresponde aos elementos verbais e não-verbais utilizados para situar o conflito; “metáfora” abrange a construção textual e imagética, a partir de sentidos figurados, no desencadeamento das ideias e fatos apresentados, bem como do estilo narrativo adotado pela equipe na produção. A categoria “vozes” elenca as fontes e atores presentes na narrativa jornalística, e, na categoria “edição”, busca-se interpretar os recursos audiovisuais empregados para a ampliação dos sentidos pretendidos.

Quadro 1 - Destaques dos resultados obtidos a partir da categorização

Categorias	Destaques
Contexto	<ul style="list-style-type: none"> · Sons da guerra (míssil, bombardeio, choros e gritos) como efeito de real e como efeito de imersão; · Arte gráfica destaca fontes documentais, notas oficiais e de autoridades, postagens em redes sociais e matérias digitais nas reportagens; · Contextualização verbal, no que o <i>Jornal Nacional</i> apresenta como sendo um “relato” de Paola de Orte; · Contextualização não-verbal caracterizada pelo uso de muitas imagens de objetos e construções danificados e queimados, camisetas com fotos de mortos e expressões de dor e sofrimento nos rostos das pessoas; · Utilização de mapas e recursos gráficos nas reportagens.
Metáfora	<ul style="list-style-type: none"> · Representa a guerra como o que separa famílias e como elemento de um fim da infância; · Destaque em elementos que remetem ao infantil com o contraste de detalhes de guerra, como brinquedos quebrados e queimados e mochilas estragadas e abandonadas; · Destaque em imagens que remetem ao fim de uma civilização como prédios destruídos, casas e objetos abandonados e o contraste da imagem de ruas desertas com a de ruas cheias de famílias correndo para fugir ou se abrigar; · Contextualização verbal e não verbal com o uso de imagens de camisetas estampadas com rostos (protesto e luto) e frases em placas e muros como “Bring our children home”, que significa “Traga nossas crianças para casa”.

Vozes	<ul style="list-style-type: none"> · Vozes oficiais; · Cidadãos anônimos, homens e mulheres dão o tom factual; · Relatos de crianças trazem um tom de dramatização maior dos acontecimentos; · O silêncio dos repórteres e correspondentes têm destaque nas matérias, para dar lugar ao som do espaço e aos sons de guerra.
Edição	<ul style="list-style-type: none"> · Uso de imagens amadoras de celulares e de câmeras de segurança; · Destaque ao som ambiente, em contexto de guerra, como efeito de real e de imersão; · Destaque ao espaço do cotidiano, pequenos detalhes da vida comum, da rotina interrompida; · Maior uso de imagens de crianças com suas famílias em relação a imagens de soldados e autoridades, em contexto de off nas matérias; · Utilização de muitas imagens de explosões, bombardeios, prédios destruídos e espaços danificados pela guerra.

Fonte: elaborada pelas autoras

Na categoria “Contexto”, procuramos dar destaque aos artifícios usados nas reportagens para situar geograficamente e historicamente o telespectador. No caso de nossa amostra, o uso mais recorrente foi o de mapas, que localizam as cidades atingidas por bombardeios, além de serem usados em contextos históricos e políticos explicados nas reportagens. Observamos também o uso dos recursos gráficos, quando alguma fonte documental era mostrada, além de imagens de matérias em sites, mídias e pronunciamentos publicados em redes sociais.

Ainda em “Contexto”, nos atentamos aos sons e efeitos sonoros utilizados nas matérias, que permitem uma maior e mais clara identificação e trazem o efeito de imersão na narração dos fatos. Os sons característicos de guerra como os de explosões, gritos, choros e objetos e construções caindo ou sendo destruídos se fazem presentes na maior parte das gravações. Nesse sentido, Paola de Orte, correspondente em Tel Aviv, ainda consegue trazer um tom de relato às matérias por estar em Israel. Entretanto, o som ambiente é fundamental para trazer uma ambientação, ainda mais quando observamos que não há correspondentes e repórteres do “JN” cobrindo o conflito na Faixa de Gaza.

Também é possível observar que se sobressai a transmidialidade nas edições, visto que, em todas elas, há a conexão de redes sociais e sites para complementar as informações das reportagens. Com o uso de arte gráfica, as matérias destacam notas

oficiais de órgãos relacionados aos envolvidos no conflito, postagens de autoridades em redes sociais, vídeos e fotos amadoras que circulam nas redes e matérias digitais em outros sites de informações/jornalismo.

Em “Metáfora”, é indispensável pensarmos na forma de condução da narrativa, em que mesmo que as imagens mais gerais da destruição da guerra estejam mais em evidência em relação às imagens das crianças, as imagens que mostram, ou que de alguma forma se relacionam com a infância, trazem consigo um ar maior de dramaticidade, com pausas maiores entre as falas, takes mais fixos e direcionados e ênfase das informações que envolvam crianças ou bebês. A construção da narrativa do conflito como “fim da infância” está presente tanto nos objetos infantis queimados, quebrados e abandonados nas ruas, e destroços como brinquedos, mochilas e roupas pequenas, quanto nas imagens dos rostos machucados ou corpos de crianças.

Na mesma categoria, observamos o uso de imagens de grande significado, como a de camisetas estampadas com rostos de pessoas desaparecidas ou mortas em sinal de protesto e/ou luto, além de frases em cartazes, camisetas, homenagens e muros, como a aparição de um muro com a escrita “Bring our children home”, que significa “Traga nossas crianças para casa”, na edição do dia 14 de outubro de 2023. Este tipo de imagem traz a tentativa de sensibilização mais intensa diante dos acontecimentos no Oriente Médio.

Em relação às “Vozes”, temos uma proximidade maior dos acontecimentos com a correspondente Paola de Orte, de Tel Aviv. O tom da correspondente da Globo em Israel é o de um relato pessoal, relacionando os espaços de Tel Aviv, de antes e depois dos bombardeios. Mesmo assim, observa-se que há distância nas demais reportagens, pois não há mais correspondentes na zona de conflito. Há declarações oficiais dos presidentes, em seus respectivos gabinetes, testemunhos rápidos colhidos de anônimos nas ruas, choro e gritos. Às vezes, o silêncio parece ter mais valor do que as palavras.

Destacamos dentro da categoria “Vozes” a sonoridade marcada por esse silêncio. É possível identificar nesses vazios, sons de passos, o barulho de explosões e destroços, o resmungo das crianças e o som dos mísseis, também citado na categoria “Contexto”. O silêncio, incomum na reportagem televisiva do dia a dia, parece surgir como a grande “voz” nas matérias do telejornal. O tom dos repórteres é sereno e sério, em um ritmo bem mais pausado que em relação às matérias do dia a dia telejornalístico.

Assim, a partir da análise, é possível observar que há poucas imagens de crianças, considerando o tempo do programa dedicado ao assunto do conflito. Porém, chamam a atenção quatro momentos em que crianças são identificadas e são “Vozes” das matérias, ainda na primeira semana dos acontecimentos.

O primeiro deles ocorreu na edição do dia 10 de outubro de 2023, quando Izra, uma criança palestina de 13 anos, mostra a escola que estava servindo de abrigo para ela e outros pequenos palestinos e conta seu desejo por uma infância normal e sem guerras. Já no dia 11, Gil Ring, uma criança brasileira cuja família mora em Tel Aviv, dá seu depoimento sobre a orientação do pai no caso dela ouvir as sirenes. O terceiro e quarto momentos ocorreram na edição do dia 12 de outubro de 2023. No primeiro deles, Bader Monir, uma criança brasileira de 11 anos, mostra uma escola, localizada na Faixa de Gaza, na qual está abrigado com os irmãos e diz estar feliz por estar lá e que se sente mais seguro. Em um segundo momento da edição do telejornal, Ginan, palestina de 14 anos, conta o que estava fazendo quando o bombardeio começou, que a família teve que fugir mas que, mesmo assim, um dos seus tios morreu ao tentar se encontrar com a família.

Na última categoria, a de “Edição”, é importante observar o casamento bem costurado entre texto em off do repórter, imagens e som ambiente. Há a narração das imagens, principalmente daquelas que estão mais distantes, como quando são imagens de agências de comunicação, imagens amadoras, de câmeras de segurança ou exportadas de redes sociais. Verificamos também, que há o constante destaque do espaço cotidiano de Israel, mostrando pequenos detalhes de ruas e ambientes e o contraste desses espaços de antes e depois dos bombardeios, dando a ideia de vida comum interrompida. Além disso, notamos maior uso de imagens de crianças com suas famílias em relação ao uso de imagens de soldados e autoridades, em contexto do conteúdo das matérias. Por fim, é perceptível a utilização de muitas imagens de explosões, bombardeios, prédios destruídos e espaços danificados pela guerra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da definição de jornalismo de subjetividade feita por Moraes (2022), é possível inferir que a cobertura realizada pelo *Jornal Nacional* ainda segue os padrões midiáticos já conhecidos. Em nossa análise das 3 semanas de exibição do programa, é

perceptível que o que se mostra do povo palestino reforça os estereótipos que privilegiam os interesses do poder econômico. Quando Gaza é mostrada, com imagens feitas por drones sobrevoando o território, aqueles ali presentes aparecem como uma massa única de pessoas, excluindo a possibilidade de individualidade e identificação. Esse fator dificulta a humanização dos palestinos, que são representados pelos meios jornalísticos de forma limitada, como seres humanos em constante sofrimento.

A partir da análise quantitativa e qualitativa das reportagens sobre o conflito, das edições do dia sete de outubro até o dia 31 de outubro de 2023, é possível observar que há poucas imagens de crianças, considerando o tempo do programa dedicado ao assunto do conflito. No dia sete, por exemplo, aproximadamente 56,64% da edição do programa foi dedicada ao que aconteceu no Oriente Médio, com um total de 9 reportagens sobre esse assunto e somente em duas contendo imagens de crianças, todas em contexto de *Off*.

Assim, nas edições analisadas para o presente artigo, observa-se a estratégia narrativa em que as emoções são deliberadamente incorporadas na produção das notícias. Diferente de reações espontâneas, essas emoções são cuidadosamente inseridas no discurso jornalístico para gerar impacto emocional na audiência.

A guerra é retratada como um elemento disruptivo que separa famílias e marca o fim da infância inocente, e a construção narrativa tecida pela edição busca evidenciar estes elementos. Observa-se o uso de imagens amadoras de celulares e câmeras de segurança, sons ambientes de guerra, e uma ênfase no cotidiano interrompido e na dor do cidadão comum, e das crianças.

Essas técnicas conferem autenticidade e aumentam a sensação de veracidade e imersão nas notícias, que causam comoção pela relação de empatia entre o telespectador e as pessoas retratadas. Observamos que o foco das reportagens não está mais restrito às cenas grandiosas dos campos de batalha, mas também evidencia pequenas histórias anônimas, muitas vezes contadas de forma intimista e confessional.

Este trabalho, assim, pretendeu evidenciar estes enquadramentos editoriais e novos formatos narrativos, que contemplam uma nova proposta de telejornalismo, ainda que possamos constatar que há muito a ser feito para que o telejornal em questão possa ser considerado um exemplo de jornalismo subjetivo que registre um enquadramento diferente, capaz de sensibilizar pessoas e provocar engajamento e transformação.

REFERÊNCIAS

- MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo desumanizado**. Porto Alegre: Arquipélago, 2022.
- MARÔPO, Lidia. Crianças como fonte de informação: um desafio de inclusão para o jornalismo. **Vozes e Diálogo**, Itajaí, v. 14, n. 02, p. 5 a 17, dezembro, 2015. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/vd/issue/view/365>. Acesso em: 28 jun. 2024
- MUSSE, Christina Ferraz; THOMÉ, Cláudia; MUSSE, Mariana Ferraz; MIRANDA, Pedro Augusto Silva. Crianças da guerra: o telejornalismo brasileiro e a representação da infância. **Anais do XVI Congresso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIC)**, Buenos Aires, 2022. Disponível em: alaic2022.ar/memorias/index.php/2022/article/view/795. Acesso em: 22 mai. 2023.
- O GLOBO E AGÊNCIAS INTERNACIONAIS. Entenda a Guerra: saiba mais sobre grupos como Hamas, Hezbollah, Fatah e locais como Gaza, Cisjordânia e Jerusalém. **O Globo**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/10/10/entenda-a-guerra-saiba-mais-sobre-grupos-como-hamas-hezbollah-fatah-e-locais-como-gaza-cisjordania-e-jerusalem.ghtm>. Acesso em: 19 jun. 2024.
- ONU News. Número de crianças mortas em Gaza supera estatísticas de quatro anos de conflitos globais. **Onu News**. 13 mar. 2024. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2024/03/1829057>. Acesso em: 21 mar. 2024.
- SACRAMENTO, Igor; GOULART, Ana Paula. **Televisão e memória: entre testemunhos e confissões**. São Paulo: EDUSP, 2009.
- SOUZA, Karla Caroline Nery de. Linguagem do Jornal Nacional: como se constrói um telejornal?. **Anais do Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, Novo Hamburgo, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/R20-1048-1.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2024.
- THOMAS, Merlyn. 20 mil mortos em Gaza: o que número de vítimas revela sobre o conflito. **BBC News Brasil**. 24 dez. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/clmergn9gmro>. Acesso: em 10 jan. 2024.
- THOMÉ, Cláudia; REIS, Marco Aurelio. **Emoção editorializada como estratégia narrativa no telejornalismo**. Anais do Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 45º Congresso de Ciências da Comunicação, UFPB, 2022. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0810202221021062f4470215f04.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2024.

UNICEF. Diretrizes para reportagens éticas. **UNICEF**. S.D. Disponível em:
<https://www.unicef.org/brazil/diretrizes-para-reportagens-eticas>. [s.d.] Acesso em: 24
jun. 2024.